

O DESENVOLVIMENTO DA AUTORIA FEMININA NA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA*

Nicea Helena de Almeida NOGUEIRA^v
Fernanda Roberta Rodrigues QUEIROZ^w

RESUMO

No presente artigo, analisamos a produção literária de três autoras brasileiras, que escrevem para crianças e que assumiram a tarefa de modificar essa escrita de forma a atualizá-la no discurso contemporâneo: Marina Colasanti, Ana Maria Machado e Ruth Rocha. Os textos que antes distinguiam, de forma clara, as diferenças entre os homens e as mulheres estão sendo desconstruídos com passar do tempo dando espaço a uma abordagem mais justa quanto ao papel da mulher na sociedade e sua consequente valorização. Os temas abordados nos contos selecionados neste estudo compreendem o feminismo, as questões raciais e a política, a partir de discussões que vão desde a narrativa fantástica até o engajamento social, o que transforma e enriquece o discurso destinado ao público infantil. Por meio da análise de três histórias dessas autoras, podemos observar quanto a literatura infantil tem sua parcela de colaboração nessa necessária desconstrução em decorrência das intervenções literárias.

Palavras-chave: Literatura infantil. Autoria Feminina. Crítica Feminista.

* Artigo recebido em 30/03/2021 e aprovado em 04/06/2021.

^v Doutora em Letras: Teoria da Literatura pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Campus São José do Rio Preto, SP. Docente da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: nicea.nogueira@ufjf.edu.br

^w Doutoranda em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), MG. Docente efetiva da Rede Municipal de Ensino de Juiz de Fora (PMJF). E-mail: fernandaestudosacademicos@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Quando pensamos em crianças e na escrita direcionada a elas, logo pensamos na sensatez que precisamos imprimir nessa escrita para que possamos planejar um futuro com um espaço em que as diferenças sociais entre gêneros sejam respeitadas. É inevitável que nos instrumentalizemos para promover uma discussão acerca desse gênero no âmbito literário, enfatizando que, nem a literatura infantil nem as escritas femininas dentro dessa literatura podem ser consideradas como uma escrita menor.

A pesquisadora Simone Mendonça (2014, p. 232) nos relata que, na virada do século XIX para o século XX, houve o surgimento da literatura infantojuvenil brasileira e o aumento de livros de autoria feminina. A publicação infantojuvenil nessa época se destacou e tomou força e, particularmente, a literatura infantil foi uma das portas que se abriu para a autoria feminina. As mulheres desfrutaram desse campo para se destacarem na escrita, já que a elas era permitido escrever para esse público, pois se entendia que tudo que fosse relacionado a esfera infantil, era de responsabilidade das mulheres. Começaram a surgir várias publicações brasileiras para as crianças e muitas traziam, de forma discreta, uma dose de feminismo, porém, só conseguiam ser publicadas se passassem despercebidas aos olhos dos homens, que, muitas vezes, esquadrihavam cada palavra escrita pelas penas femininas. Mesmo assim, as mulheres foram beneficiadas com essa abertura, que só foi possível por participarem do processo educacional das crianças.

No livro **Tecendo por trás dos panos**, Maria Lúcia Rocha-Coutinho (1994, p. 19) afirma que:

Confinadas por séculos no espaço de casa, onde reinavam quase que absolutas, enfeitando maridos e filhos com a máscara da perfeição, as dedicadas e abnegadas mães e esposas encontraram formas especiais e silenciosas de articular sua resistência, em murmúrios que se perdiam, muitas vezes, no corpo forte dos homens que as sufocavam. Nem vítimas nem algozes, acreditamos que as mulheres ao longo dos anos foram tecendo modos de resistência a esta opressão masculina...

A autora nos chama a atenção das teias que vão se formando ao longo das gerações e que passam despercebidas por nós. Segundo ela, passam despercebidas às vezes até mesmo pelos pesquisadores, ela nos adverte sobre a necessidade de o leitor estar em contato com diversos discursos que foram

proferidos e que alicerçaram a imagem sobre a mulher e as ações por elas tomadas. A literatura infantil vem contribuindo nessa mudança da percepção do papel da mulher na sociedade que está sendo construída e percebida com o passar do tempo. Apresentamos, aqui, autoras que, a partir dos anos 1970, escrevem nesse processo de desmontar concepções misóginas e de abrir possibilidades que levam os leitores a modificarem suas convicções sobre o feminino. Essas escritoras criam histórias que subvertem os padrões preestabelecidos na sociedade patriarcal e levam crianças a conhecer temas sobre o universo feminino antes considerados somente para adultos.

2 AS VOZES FEMININAS NA ESCRITA PARA AS CRIANÇAS

Apresentamos as obras infantis das autoras Marina Colasanti, Ana Maria Machado e Ruth Rocha que exemplificam a mudança de percepção do feminino em termos de discurso literário para o público infantojuvenil.

2.1 MARINA COLASANTI

A primeira escritora que iremos analisar é Marina Colasanti, mais explicitamente a sua obra *A moça tecelã*, do livro **Doze reis e a moça no labirinto do vento** (1982), que apresenta uma versão mais firme da posição feminina e nos deixa a escolha de como queremos seguir a trilha de princesas e tecelãs. A partir desse conto, passamos a questionar sobre a representação escrita pela autora da imagem feminina perante o papel social do masculino. A maneira como a autora tece a trama ficcional é comentada pelos críticos Eliane Ferreira, Diana Navas e Maurício Silva (2019, p. 145):

Os contos de Marina Colasanti fisgam o leitor nas primeiras palavras e o remetem para um universo marcado pela fantasia, pelo maravilhoso. Os contornos que separam o real do imaginário esmaecem pela força da palavra poética, despertando perplexidade, angústia, inquietação, emoções que o levam a repensar o seu cotidiano e a olhar com mais acuidade para as inúmeras possibilidades através das quais o insólito pode se manifestar.

Nas obras de Colasanti, nos deparamos com o maravilhoso, o extraordinário, o insólito e tudo o que foge ao curso ordinário do humano. Tzvetan Todorov (2008) estabelece essa distinção e afirma que, no caso do maravilhoso, os episódios

sobrenaturais não desencadeiam nenhuma reação em especial nem nas personagens, nem no leitor implícito, e destaca que isso “não é uma atitude para com os acontecimentos narrados que caracteriza o maravilhoso, mas a própria natureza desses acontecimentos” (TODOROV, 2008, p. 60). Para o teórico, a forma como esses episódios são desenvolvidos pelos personagens e recebidos pelo leitor não causa estranhamento em relação ao princípio da verossimilhança. Dessa forma, entendemos que a narrativa de Colasanti se sobrepõe aos acontecimentos e ao texto com um poder impetuoso que envolve o leitor e se torna verossímil. Essa ideia é complementada por David Roas (2014, p. 34) ao também afirmar que:

O mundo maravilhoso é um lugar totalmente inventado em que as confrontações básicas que geram o fantástico (a oposição natural/sobrenatural, ordinário/extraordinário) não estão colocadas, já que nele tudo é possível – encantamentos, milagres, metamorfoses – sem que os personagens da história questionem sua existência, o que permite supor que seja algo normal, natural. [...]. Quando o sobrenatural se converte em natural, o fantástico dá lugar ao maravilhoso.

No conto *A moça tecelã* (1982), que vamos analisar adiante, conseguimos observar a manifestação do maravilhoso durante toda a trama, na qual a autora lança mão desse recurso para trazer a mensagem de valores contemporâneos diferentes do maravilhoso das histórias tradicionais dos contos de fada. Esse recurso é usado pela escritora para passar valores de empoderamento para as crianças e até para o público adulto que, ao extrapolar o ordinário, o comum, tem a oportunidade de olhar a realidade de uma maneira diferente, desconstruindo as formas prontas do pensar e nos obrigando a raciocinar, a concluir e a agir de forma mais justa sem generalizações apressadas. A autora quebra os paradigmas do conto tradicional e propõe ao leitor o enfrentamento dos conflitos dos relacionamentos amorosos para que, enfim, possamos compreender a dinâmica dessas relações.

Para a pesquisadora Eliane Escobar (2010), Marina Colasanti mostra sua preocupação das relações de gênero quando escreve para o público infantil. A autora prefere trabalhar, em seus contos de fadas, “com temas existencialistas, que refletem as angústias mais profundas dos seres de qualquer lugar e de qualquer tempo” (ESCOBAR, 2010, p. 24).

Essa percepção da estética narrativa de Colasanti também é discutida por Gilda López (2007), para quem a autora pretende atingir a estrutura mais profunda

da dinâmica amorosa, não ficando somente na periferia do ser humano. Vivemos em uma época de rápidas transformações que mudam a realidade externa, porém, a nossa realidade interior, onde vivem os medos e as fantasias, se mantém preservada. Segundo López (2007), é com essa realidade interior que as fadas dialogam, interagindo simbolicamente em qualquer idade e em todos os tempos.

Marina Colasanti traz, em sua escrita, personagens femininas fortes, responsáveis pelo desenrolar do fio narrativo. Essas personagens são determinadas e são conscientes de seus desejos próprios, pois direcionam os seus caminhos e são bem diferentes das personagens dos contos maravilhosos tradicionais, a começar pela não subordinação ao elemento masculino empoderado pela visão patriarcal dessas narrativas clássicas. Isso pode ser observado no conto *A moça tecelã*, pois, quando o masculino começa a incomodar, a protagonista simplesmente o destece, eliminando-o ao buscar a sua autonomia. Ferreira, Navas e Silva (2019, p. 149-150) acrescentam que:

A esta marca, alia-se outro elemento importante na ficção da autora: a reflexão sobre o próprio fazer literário – sobre a tessitura do texto – permeada por uma atmosfera insólita na qual personagens e situações extraordinárias apontam para uma nova forma de se relacionar com o real, abrindo espaço para um mundo de conjecturas, de fantasia e reflexões.

O conto de Marina Colasanti nos remete à força das personagens femininas que não se contentam com as normas patriarcais de anulamento do feminino e mostram como podem construir e desconstruir o seu destino, visto que a protagonista é responsável pelo desenrolar do fio da narrativa. Mesmo apresentando uma personagem aparentemente subordinada à figura masculina no início da história, a autora expõe elementos que excedem os limites impostos por essa figura, ampliando o seu universo de ação.

Segundo Nelly Novaes Coelho (1983), as histórias escritas por Marina Colasanti seduzem o leitor rapidamente pelo insólito ou pelo mistério envolvente dos episódios narrados que foram representados pela palavra poética e mágica. Em *A moça tecelã*, a escritora consegue desenvolver uma leitura atraente, pois, por meio do mundo do tear, a protagonista tece e destece o seu destino, cria pessoas, dias, noites, espaços e tem o controle de modificar o curso das coisas onde o tecer

representa a natureza da vida. De uma maneira muito inteligente, chama a atenção para a autoridade e controle que as mulheres têm de suas próprias vidas.

O conto instiga a construção de uma análise em relação ao tecer. Essa questão tem um grande significado dentro da oralidade e da escrita, pois foi tecendo que muitas mulheres e fiandeiras elaboraram suas próprias histórias, fabularam e deram a elas o sentido que quiseram. A arte de tecer atribui um grande significado às histórias e aos contos pois cria uma metáfora que liga os acontecimentos e dá o final desejado a eles.

Na tessitura de seu destino, a moça tecelã filia-se à tradição das Parcas, divindades gregas responsáveis pelo destino dos homens. As três irmãs (Cloto, Láquesis e Átropos) dirigem não somente a sorte dos mortais. Imutáveis em seus desígnios, as parcas possuem esse fio misterioso, que é símbolo do curso da vida, e “nada consegue aplacá-las nem impedi-las que lhe cortem a trama” (COMMELIN, 1997, p. 81). Sendo assim, no texto de Colasanti, a tecelã tem esse poder de cortar o fio, um poder que ultrapassa o das Parcas, visto que ela é livre para tecer e destecer a sua história e as Parcas tinham que ser obedientes a Zeus, a maior autoridade masculina na mitologia grega.

A literatura infantil, escrita pelas mãos de Marina Colasanti, nos mantém no mundo atual onde urge a necessidade de despertar no indivíduo o senso crítico e a consciência do papel do mesmo na transformação da sociedade, chamando atenção para a necessidade de refutar diversos preconceitos enraizados. Nesse cenário, a mulher assume a característica de empoderada, pois possui papel ativo na formação e transformação social. O conto *A moça tecelã* (1982), por exemplo, nos apresenta uma personagem feminina que, quando sente seu desejo ameaçado pelas vontades do marido, o destece assim como o teceu, como está descrito na passagem do conto a seguir:

Segurou a lançadeira ao contrário, e, jogando-se veloz de um lado para o outro, começou a desfazer seu tecido, [...] A noite acabava quando o marido, estranhando a cama dura, acordou, e espantado olhou em volta. Não teve tempo de se levantar. Ela já desfazia o desenho escuro dos sapatos [...]. Rápido, o nada subiu-lhe pelo corpo, tomou o peito apumado, o emplumado chapéu. (COLASANTI, 1982, p. 12).

Nesse conto, no qual Marina Colasanti escolhe o tear por fazer parte do universo feminino, a protagonista usa os fios para tecer a sua vida com as suas

próprias mãos. Sendo assim, encontramos, nesse texto, fios-palavras, pois, por meio do tecer, a autora corporifica o universo da protagonista. As marcas de Marina e de sua escrita estão bem delineadas nesse texto, pois a autora ancora a personalidade da personagem na sua capacidade de fazer e desfazer, criar, recriar e nomear seres, momento no qual se encontra o maravilhoso, isto é, no processo de criação da autora, em sua capacidade imaginativa.

Marina Colasanti desconstrói, de maneira excepcional, todo o contexto dos afazeres de bordar e tecer como uma metáfora para a própria constituição da subjetividade feminina, valorizando a criatividade e as demandas tipicamente femininas, como forma de expressão e constituição do sujeito mulher e não mais como uma atividade para preencher as horas e as mentes fúteis ou para conseguir um bom casamento. A autora retoma a identidade feminina com a tomada do seu espaço da criação e recriação do seu destino, dando concretude ao abstrato e tecendo uma nova realidade.

No estudo de Lívia Soares e Diógenes de Carvalho (2015), intitulado A representação da menina e da mulher no conto de fadas moderno: novos destinos em Além do bastidor e A moça tecelã, contos de Marina Colasanti, os autores destacam que a escritora propõe um revisionismo crítico quando interpreta o sujeito sócio-histórico, pois as personagens se apresentavam, na literatura, enfeixadas de estereótipos e marcadas pelo silêncio e obediência aos valores vigentes. Em suas narrativas, há uma reinterpretação das imagens da menina e da mulher, atualizadas com novos paradigmas sociais em busca de espaço e voz na sociedade.

Dentro dessa perspectiva, Joan Gould, em seu livro **Fiando palha tecendo ouro** (2007), orienta sobre a relação existente entre as imagens arquetípicas nos contos de fadas e sobre sua transformação na vida da mulher. O ato de tecer é uma metáfora, pois a mulher vive a tecer, ela tece o linho ou a lã fazendo fios para fabricar roupas; as roupas velhas são transformadas em retalhos que se transformam em colchas e tapetes. Transforma o grão em farinha, que faz o pão. A magia da mulher é uma metáfora para o crescimento natural, a força de suas ações está em suas mãos, assim como o seu destino, isto é, a mulher é representada como o poder de transformação.

Assim, o texto literário está repleto de possibilidades, abrindo diálogos infinitos e reflexões pertinentes. Para Mikhail Bakhtin (2003, p. 348), “viver significa

participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos”. O conto em estudo pode ser considerado uma narrativa dialógica pois transforma a literatura infantil por meio de múltiplos discursos que são as perspectivas das personagens feminina e masculina.

Nos textos infantis de Marina Colasanti, podemos observar que há uma identificação social entre as invariantes que estruturam as suas narrativas que partem das exigências básicas e reais da vida, da história de cada um de nós e, ao mesmo tempo, das narrativas maravilhosas. A autora apresenta personagens em seus contos caracterizados como princesas, reis, unicórnios, os moços, dentre tantos outros, que representam os símbolos e as alegorias da grande aventura humana. Nelly Coelho (2000) nos acrescenta que estamos na vida em um contínuo processo de construção. As conquistas representam fins e começos e é dentro dessas invariantes que vivemos a fascinação e o encantamento que exercem poder sobre crianças e adultos. É sobre a descoberta de um mundo mágico que a literatura infantil navega entre o sonho e realidade, trabalhando nas crianças a criatividade, a emoção e o prazer da leitura, assim como a transformação dos seres no passar do tempo quando tudo se transforma e que as coisas evoluem.

2.2 ANA MARIA MACHADO

A segunda escritora brasileira de literatura infantil analisada neste estudo é Ana Maria Machado e a sua obra **Menina bonita do laço de fita** (1986). Esse livro é um dos clássicos da literatura infantil brasileira e conta a história de uma menina negra e de um coelho branco que sonhava em ter uma filha bem pretinha como a menina. A autora revela que o livro não foi inspirado em uma menina negra, e, sim, na sua filha, que era muito branquinha (MACHADO, 2016). Ela afirma que essa história nunca teve a pretensão de levantar problemas histórico-sociais do Brasil.

Mesmo com as declarações feitas por Ana Maria Machado, o livro sempre levantou polêmicas e discussões dentro desse campo. Não é raro encontrar trabalhos sobre essa obra que abordem reflexões e estudos sobre identidade e diferenças a partir das análises de relações étnico-raciais. Há, também, inúmeros estudos sobre gênero e classe dentro de uma perspectiva histórica social. Antonio

Candido (2000) afirma que a arte é social nos dois sentidos, pois, por um lado, depende da ação de fatores do meio, e, por outro, produz sobre os indivíduos um efeito prático que transforma a sua conduta e muda a sua concepção de mundo, ou também pode reforçar valores sociais.

Por isso, esse conto de Ana Maria Machado causou tantas discussões e abriu um leque de possibilidades de estudos. Sabemos das intenções da autora ao escrever esse conto, porém, concordamos com Candido quando ele enfatiza que a arte é social e, nesse caso, a ação dos fatores do meio sugeriu tais discussões em campos com finalidades totalmente contrárias às intenções da autora. Esse é o propósito da literatura infantil, incomodar, levantar discussões, dar abertura para que as crianças questionem, modifiquem e reforcem valores.

O livro **Menina bonita do laço de fita** (1986) gerou discussões que foram aliadas a uma sociedade que está construindo o respeito às diferenças, mas, por outro lado, também foi visto como aliado a uma sociedade racista. O que podemos observar é que a literatura contemporânea nos apresenta um texto aberto a múltiplas leituras, entretanto observamos que esse paradoxo ideológico pode ser mais bem esclarecido por Munanga (2004), quando reporta que a questão do racismo, na sociedade contemporânea, não depende mais de conceito de raça e variante biológica, ele é reformulado com base nos conceitos da etnia, diferença ou identidade cultural. As vítimas de hoje são as mesmas de ontem, mudaram-se os termos e os conceitos, mas o esquema ideológico continua intacto.

Dentro da representação de personagens, coelho – menina – mãe da menina, passamos a entender melhor as relações étnico-raciais, relações de gênero e de classe. Voltando ao texto, o coelho branco nada entende dessas questões e a menina “era a pessoa mais linda que já tinha visto em toda a sua vida” (MACHADO, 1986, p. 3). Podemos observar que a autora inverte a pirâmide social, colocando no topo quem sempre esteve na base. Nesse caso, a menina ocupa um destaque justamente pela sua cor e pelos traços de sua origem negra: “Era uma vez uma menina linda, linda. Os olhos dela pareciam duas azeitonas pretas, daquelas bem brilhantes. Os cabelos eram enroladinhos e bem negros, feito fiapos da noite. A pele era escura e lustrosa, que nem pelo da pantera-negra quando pula na chuva” (MACHADO, 1986, p. 3).

Podemos perceber, por meio desse texto, a imagem inferiorizada e depreciativa que a sociedade branca criou e como se tornou um dos maiores mecanismos de opressão durante séculos. Outra polêmica, dentro dessa obra, que fica em torno das discussões, é a miscigenação, quando o narrador de Ana Maria Machado conta que a mãe da menina era uma “mulata linda e risonha” (1986, p.15) e quando ela se refere aos filhos da coelha preta com o coelho branco: “tinha coelho pra todo gosto: branco bem branco, branco meio cinza, branco malhado de preto, preto malhado de branco e até uma coelha bem pretinha” (1986, p.21).

Podemos pensar que a mestiçagem seria uma visão positiva, uma vez que “a ideologia da identidade nacional brasileira é marcada pela ideia de mistura, de miscigenação, representada como integradora e homogeneizadora da nação” (COSTA, 2009, p. 97). Porém, o que ocorre é a necessidade de abrir espaços para resgatar e valorizar as culturas minoritárias como parte da formação da sociedade de ontem, de hoje e amanhã, pois, para Rosely Costa (2009, p. 97), “a miscigenação racial no país é muitas vezes citada como prova da democracia racial brasileira, ou como antídoto do racismo”. Essa miscigenação citada fica escondida no mito da democracia racial, se apoiando na mistura de raças para afirmar que, no Brasil, não há racismo e que essa miscigenação se deu pela exploração sexual das negras e índias pelos homens brancos.

Vivemos em um país onde a mistura racial se deu desde sempre por uma variante de situações, mas o que precisamos esclarecer é a necessidade de entender que essa miscigenação não pode ser uma ferramenta de exclusão e nem de escolhas. Existe uma necessidade urgente de rechaçar a ideia de classificação do indivíduo por essa razão, a literatura infantil tem um papel fundamental dentro dessa questão. Por meio dos livros, os pequenos leitores começam a formar sua opinião e a entender melhor as questões que envolvem essa temática e, assim, se formam indivíduos mais aprestados.

Na verdade, temos, em nosso país, uma grande variedade cultural a ser ainda explorada e, talvez, as discussões em torno dos motivos nos inibam de realizar pesquisas mais avançadas dentro desse assunto. Seríamos ingênuos ou até mesmo hipócritas em afirmar que, no Brasil, não há racismo – infelizmente, sabemos que esse mal ainda está longe de ser banido. Por isso, precisamos de mais discussões dentro desse campo, principalmente na literatura infantil, que é o começo

dessa abertura democrática e necessária que envolve as escritas dentro das histórias para crianças.

A obra **Menina bonita do laço de fita** (1986) também demonstra um lado cômico. Para observar essa representação, podemos ter um olhar para as ilustrações que “como linguagem visual, dialoga com o texto escrito e acrescenta sentidos, contando também uma história ou fazendo-se poema” (AGUIAR *et al*, 2001, p. 64). Observando o texto, podemos também notar um caráter carnavalesco, como nos apresenta Norma Discini (2006), quando afirma que a autora desestabiliza e rompe com o mundo oficial fazendo uso da carnavalização. Ela está em consonância com toda cultura popular da Idade Média e Renascimento, inovando e mostrando um novo paradigma dentro da literatura infantil, que sai desse cenário educativo, moralizante e grotesco para adentrar em um cenário de representação da realidade. Para ela, a carnavalização é uma “categoria que pode ser depreendida e analisada nos textos de qualquer época” (DISCINI, 2006, p. 90).

Podemos afirmar, então, que a hegemonia da cultura eurocêntrica e todas as questões que a imbricam e a mantêm dentro da sociedade, analisadas dentro do texto, nos mostram o que é o mundo oficial. Observamos a desconstrução dessa hegemonia com o riso sério na obra. Esse riso é observado nas situações ridículas que a menina expõe o coelho: “O coelho saiu dali, procurou uma lata de tinta preta e tomou banho nela. Ficou bem negro, todo contente. Mas aí veio uma chuva e lavou todo aquele pretume, ele ficou branco outra vez” (MACHADO, 1986, p. 9).

A ilustração mostra o coelho negro e depois o mostra novamente branco e desesperado por causa da chuva. A menina mais uma vez testa o coelho, orientando-o a tomar bastante café, pois ficaria pretinho como ela: “O coelho saiu dali e tomou tanto café que perdeu o sono e passou a noite toda fazendo xixi. Mas não ficou nada preto.” (MACHADO, 1986, p. 11). A autora faz uso das duas imagens, na primeira, o coelho tomando muitas xícaras de café e, na segunda, o coelho sentado no vaso: “O coelho saiu dali e se empanturrou de jabuticaba até ficar pesadão, sem conseguir sair do lugar. O máximo que conseguiu foi fazer muito cocozinho preto e redondo feito jabuticaba” (MACHADO, 1986, p. 13). A ilustração cumpre duas funções: a de narrar uma ação e a de expressar a emoção. Dentro dessa história, vemos uma relação muito próxima, na qual as ilustrações revelam com clareza o que narra a história.

Analisando esse texto, **Menina bonita do laço de fita**, observamos que Ana Maria Machado expõe uma multiplicidade de vozes sendo solidárias e construindo uma democracia real, calcada no diálogo, e demonstrando profundo respeito às diferenças, mesmo não sendo esse o objetivo da obra, como nos relata a autora no livro **Ponto de fuga: conversas sobre livros** (2016, p. 37). Acrescenta que desejou motivar a reflexão sobre as insatisfações que o ser humano traz em si dentro do contexto infantil. O mais interessante é que essa insatisfação sai dos campos da negritude e invade as questões da raça branca, porque, nesse caso, o coelho é branco, não se importando com as questões sociais normalmente impostas, pois ele queria ser preto. Uma inversão dentro das histórias infantis que, em sua maioria, os negros querem seguir os padrões dos brancos para minimizar a dor do preconceito e, sendo assim, serem aceitos na sociedade, e não ao contrário, como reivindica o coelho.

A autora permite que o coelho se aproprie da palavra para gerar o seu discurso de insatisfação com a sua cor em uma sociedade de normas pré-estabelecidas. Permitir que um personagem saia dos seus padrões por meio de suas próprias escolhas é um recurso literário no sentido de ampliação das vontades e de quebra de modelos prontos, além da abertura de maiores oportunidades de discussões dentro do tema. Essa liberdade de escrita e esse alargamento de possibilidades contribuem em demasia para uma literatura rica de conteúdos a serem analisados. A literatura infantil tem esse papel, o da liberdade de escrita, reescrita, liberdade para que as crianças possam produzir os seus próprios textos com a oportunidade de se expressarem e se embrenharem por diversos caminhos.

Para Michel Foucault (1998), a interdição do discurso é um procedimento de exclusão. Afirma que, na sociedade, a produção desse discurso é controlada, selecionada, organizada e redistribuída por alguns procedimentos com a função de conjurar seus poderes e perigos para que possam dominar seu conhecimento aleatório. Isso se torna perigoso, pois reprime os assuntos e suas possibilidades dentro da escrita, da leitura, da compreensão do texto e sua amplitude dentro de uma proposta de análise em todo o seu contexto.

Na literatura infantil, podemos dizer que esse discurso se encontra mais solto, mais à vontade para se expressar, porém as ideias que chegam às crianças são bem “selecionadas” pelo adulto e, quando alcançam o universo infantil, já estão

contaminadas por saberes definidos, o que causa um atraso na interpretação dos textos elaborados para os pequenos e os próprios textos já se encontram contaminados. Essa é a importância dos textos produzidos pelos pequenos escritores e a participação das crianças na elaboração dos contos.

Dentro de uma escrita feminina, podemos observar outro ponto importante que é o papel definido da mulher dentro da autonomia dada a ela pela autora. É uma narrativa rica e inovadora, o que afirma que a Literatura Infantil também é um gênero literário que merece prestígio por sua qualidade estética e temática e que não é só para crianças, mas é feita também para crianças.

2.3 RUTH ROCHA

A terceira escritora que pesquisaremos será Ruth Rocha e a análise do seu livro **Leila menina** (2012). Essa história se passa na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1968, em plena ditadura militar, uma época muito especial para o Brasil, visto que a população passou a sair nas ruas exigindo a liberdade política e o direito das mulheres.

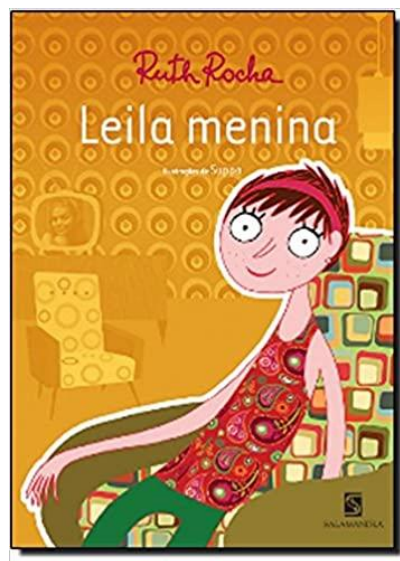
Com divertidos desenhos de Vivian Suppa, ilustradora de muitos livros de Ruth Rocha, essa é a história de uma menina carioca que contesta padrões sociais no ano de 1968. Foi um ano efervescido pelos movimentos em apoio à democracia e pela ascensão dos chamados “novos movimentos sociais”, que repercutiam também na Europa e nos EUA, refletindo diretamente no Brasil. Entre tantos novos movimentos sociais está o feminista que, mesmo existindo bem antes disso, surge com novas pautas. Podemos observar o crescimento desses movimentos e suas mudanças históricas dentro das propostas da literatura infantil. Nesse livro, encontramos um diálogo entre a literatura infantil e história e o texto é bem abrangente e sedutor.

A autora recorre à poesia, constrói e desconstrói padrões dessa época com uma linguagem simples e com a tentativa de uma concepção de ver e de dizer. Nelly Coelho (2000) relata a verdade que a história nos ensina: as novas ideias, os valores e os comportamentos se impõem aos adultos como verdades, pois o novo consegue atingir o mundo literário infantil por meio de uma linguagem lúdica e acessível, visto que o público-alvo são crianças que ainda estão intelectualmente em

formação. Passadas décadas para que o novo germinado no modernismo pudesse brotar dentro da literatura infantil, essas mudanças vêm acontecendo pela linguagem verbal, visual e lúdica.

Leila, a protagonista do livro, é uma menina de oito anos de idade por meio da qual a autora faz uma homenagem à atriz Leila Diniz, conhecida por romper com padrões do comportamento feminino de sua época: final da década de 1960 e início dos anos 1970. No fundo da capa desse livro, existe uma foto da atriz sobre a tela da televisão:

Imagem 01 - Capa do livro **Leila menina** (2012) com foto da atriz Leila Diniz.



Fonte: ROCHA, Ruth (2012).

O livro conta a história de Leila que, junto de suas amigas, gostava de jogar futebol, porém, por serem meninas, não eram autorizadas a usarem o campo de futebol da escola. Inspiradas nas primas mais velhas que frequentavam a faculdade e que lutavam pelo direito de usar calças compridas, Leila e suas amigas organizaram um movimento em sua escola no qual saem vitoriosas, depois de vários percalços, e passam a usar o campo de futebol.

Esse livro é repleto de referências históricas e é indicado, pela Editora Salamandra, para crianças a partir de sete anos ou 2º ano do Ensino Fundamental pelo tema e pelo nível de dificuldade da linguagem utilizada. Ruth Rocha proporciona uma interdisciplinaridade nesse texto, dado que as crianças estudam um pouco das lutas históricas do nosso país. Bem atual, a história se torna relevante para os nossos dias e encontra eco com a realidade dos leitores mirins.

A criança, em contato com esse gênero de literatura, torna-se um adulto mais politizado. Na infância, a assimilação de informações mais complexas é lenta e, ao exercitá-la, é provável que a criança se torne um adulto com mais facilidade de absorver fatos e maior capacidade de interpretá-los.

Durante a pesquisa sobre o livro **Leila menina**, não conseguimos localizar textos críticos referentes a essa obra de Ruth Rocha, mesmo a história sendo atual, interessante e necessária. Quando nos deparamos com uma obra sem trabalhos críticos, questionamos a indicação de sua leitura. Cabe aqui uma discussão sobre a seleção dos livros para as crianças. Quem são essas pessoas que escolhem sempre os mesmos livros a serem adotados nas escolas? Onde estão esses livros como **Leila menina**, de tamanha importância que não estão ao alcance das crianças? São sérios questionamentos. Um livro rico em história de lutas não estaria em evidência por questões preconceituosas? Como cita Peter Hunt (2010, p. 14), “a teoria e a crítica literária parecem não ter relação com as crianças e livros, mas o bom trabalho com literatura infantil depende, em última instância, de crítica coerente e judiciosa”. Precisamos levantar essas questões para sabermos seus motivos e, também, para indicar a leitura desses textos às crianças, pois são relevantes para o desenvolvimento do pensamento crítico, como esse livro de Ruth Rocha e muitos outros que ainda são desconhecidos do público em geral.

Os temas de maior interesse do livro são os questionamentos de Leila e suas atitudes junto a outras meninas que lutam por seus direitos em uma sociedade misógina e em um momento histórico-social de lutas e reivindicações de mudanças, um momento efervescente politicamente. Como segundo plano, a autora aborda questões ideológicas, linguísticas, históricas e sociais.

O enredo aborda questionamentos típicos da infância e a importância da criança se sentir compreendida, além da liberdade de se expressar como quiser. Segundo Lajolo (1999), apesar de a literatura infantil ser um instrumento usual de formação da criança do mesmo paradigma que rege a atuação da família e da escola, ela traz um equilíbrio e, às vezes, uma superação por meio do texto e da estabilidade afetiva e emocional da criança. Por meio desses recursos, traduz para o leitor sua realidade, por vezes, as mais íntimas, por intermédio de simbologias e de uma análise assimilada pela sensibilidade da criança.

É interessante esse poder da literatura infantil, o de transformação pelas emoções. Por isso, a literatura contém muitos significados sendo importante ressaltar que seu impacto se dá de forma diferente de pessoa para pessoa, dependendo das vivências e convicções de cada um para que se faça de forma pessoal e equilibrada, transformando o modo de pensar e de agir dos indivíduos. Conforme Janaína Darós (2005, p. 24-28), “a partir da década de 1970, a Literatura Infantil sofre uma virada temática e passa a se sustentar em novos dogmas da educação: a valorização da criatividade, da independência e da emoção infantil, o chamado pensamento crítico”.

Os anos 1970 foram um marco dentro da escrita infantil brasileira. Novas propostas e a autonomia dada aos escritores e leitores fizeram com que essa literatura se aproximasse de seus reais objetivos. A história **Leila menina** traz, em sua trama, questões históricas de luta, liberdade, feminismo, democracia, além das questões linguísticas e a abertura para o pensamento crítico, possibilitando que a criança comece a entender mais claramente a linguagem e as questões sociais. Os questionamentos começam a vibrar nas mentes que iniciam um processo de indagações.

Nesse texto, a autora não utiliza o maravilhoso, que sabemos ser um recurso dentro da literatura infantil que transporta as crianças do real à fantasia por meio dos personagens fantásticos, como as fábulas e outros gêneros. Ruth Rocha usa o real, a sociedade, as lutas, os questionamentos, dentre outras questões de mesmo cunho. São recursos mais conscientes, mais reais. Vera Silva (2008) relata que boas partes dos textos de Ruth Rocha revelam a empatia que a autora estabelece com o leitor, essa empatia é de grande importância, pois só assim o escritor consegue alcançar os seus propósitos em dois elementos: o primeiro é a linguagem utilizada, que é solta, coloquial, desprovida de artificialismo e que se aproxima do leitor, propiciando um clima de cumplicidade entre narrador e ouvinte; o segundo é o olhar crítico em que a escritora analisa e descreve situações e personagens, fazendo um convite ao leitor a analisar, criticar e julgar os fatos numa postura de mudança que aposta no novo.

Outro ponto de destaque é a escrita de Ruth de ideias profundas com uma linguagem simples. Apesar de parecer fácil, escrever com simplicidade mostra-se, muitas vezes, ser uma árdua tarefa. Ela acredita na inteligência da criança, que é

capaz de ler aquelas coisas que estão escondidas nas entrelinhas do texto. Além disso, em seus livros, a fantasia e o real estão unidos de um jeito natural. É tudo escrito com muito humor.

As obras da autora permitem que as crianças embarquem em várias aventuras que misturam fantasias e realidade, propondo múltiplas visões e proporcionando a possibilidade de uma ideia crítica, o que é muito importante para formação de sua identidade. Candido (2000, p. 186) destaca que os textos literários corresponderiam a uma necessidade universal, pois dá forma aos sentimentos à visão do mundo. A literatura nos organiza e nos liberta do caos e nos humaniza, sem ela a humanidade fica mutilada.

Essa organização inicia-se na infância e, por isso, há a importância de uma literatura que funcione dentro das propostas citadas nesse trabalho. Uma literatura infantil libertadora que proporciona a criança um crescimento literário satisfatório e cheio de significados. A Literatura Infantil contribui de variadas maneiras no desenvolvimento do leitor, mostrando-se profícua na sensibilização da consciência, abrindo um leque de possibilidades

3 CONCLUSÃO

Podemos observar que as autoras nos apresentam uma escrita feminina em diversas formas de expressão, mas com uma coisa em comum, a ruptura com as antigas histórias dos contos de fadas tradicionais. No Brasil, a partir dos anos 1970 conseguimos observar uma transformação na escrita para as crianças, uma quebra nas histórias infantis acontece a favor da realidade e da voz feminina calada durante séculos pela sociedade patriarcal. Vemos um grande desenvolvimento e autonomia das personagens e um enfrentamento quanto às suas questões de ajuste ao mundo adulto.

THE DEVELOPMENT OF FEMALE AUTHORSHIP IN BRAZILIAN CHILDREN'S LITERATURE

ABSTRACT

In this paper, we analyze the literary production of three Brazilian female authors who write for children and who assumed the task of transforming that writing in order of adjusting it to contemporary discourse: Marina Colasanti, Ana Maria Machado, and Ruth Rocha. The texts that used to distinguish, in a clear way, differences between men and women have been being deconstructed in due time opening space to a fairer approach related to women's role in society and its consequent valorization. The themes presented in the short-stories selected in this study are mainly feminism, race issued and politics from discussions including fantastic narrative until social engagement which transforms and enriches the discourse directed to the children's audience. By analyzing the three stories of these female authors, one can observe how much children's literature has had its share in that needed deconstruction of literary interventions.

Keywords: Children's literature. Female Authorship. Feminist Criticism.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de et al (coord.). **Era uma vez na escola**: formando educadores para formar leitores. Belo Horizonte: Formato, 2001.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CADEMARTORI, Lígia. *O que é literatura infantil*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Primeiros Passos, 163).

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. São Paulo: Queroz, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico da literatura infanto/juvenil brasileira**: 1882-1982. São Paulo: Quíron, 1983.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: teoria, análise e didática. São Paulo: Moderna, 2000.

COLASANTI, Marina. **Doze reis e a moça do labirinto do vento**. São Paulo: Global, 1982.

COMMELIN, P. **Nova mitologia grega e romana**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.

COSTA, Rosely Gomes. Mestiçagem, racialização e gênero. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, n. 21, jan./jun. 2009, p. 94-120. (Dossiê).

DARÓS, J. S. Oficina literária: contos infantis podem servir de apoio à produção de textos. **Revista do professor**, Porto Alegre, n. 21, p. 24-28, jan./mar. 2005.

DISCINI, N. Carnavalização. In: BRAIT, B. **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006, p. 53-94.

ESCOBAR, Eliane Correa da Cruz. **O fantástico na obra de Marina Colasanti**. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) - Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010. Disponível em: <http://web2.cesjf.br/node/8133>. Acesso em: 11 abr. 2019.

FERREIRA, Eliane Aparecida Ribeiro; NAVAS, Diana; SILVA, Maurício (orgs). **Produção literária juvenil e infantil contemporânea de autoria feminina**. São Paulo: Big Time, 2019.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1998.

GOULD, Joan. **Fiando palha tecendo ouro**. Salvador: Rocco. 2007.

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história e histórias**. 6.ed. São Paulo: Ática, 1999.

LÓPEZ, Gilda Teresa Contreras. As fadas voltam: uma ideia toda azul. In: CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS. 3, 2007, Maringá. *Anais...* Maringá, 2009, p. 411-421. Disponível em: http://www.ple.uem.br/3celli_anais/trabalhos/estudos_literarios/pdf_literario/044.pdf. Acesso em: 11 abr. 2019.

MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita**. Ilustração Claudius. São Paulo: Ática, 1986.

MACHADO, Ana Maria. **Ponto de fuga**: conversas sobre livros. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

MENDONÇA, Simone Cristina. Mulheres e educação no Brasil do Século XIX. **Polifonia**, Cuiabá, v. 21, n. 30, p. 228-244, jul-dez, 2014.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. **Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira**, Niterói, n.5, p.15-34, 2004.

ROAS, David. **A ameaça do fantástico**: aproximações teóricas. Trad. Julián Fuks. São Paulo: Unesp, 2014.

ROCHA, Ruth. **Leila menina**. Rio de Janeiro: Salamandra, 2012.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. **Tecendo por trás dos panos**: a mulher brasileira nas relações familiares. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SILVA, Vera Maria T. **Literatura infantil brasileira**: um guia para professores e promotores de leitura. Goiânia: Cânone, 2008. p.183-200. Disponível em: <http://pausapraleitura.blogspot.com.br/2011/04/marclo-marmelo-martelo.html>. Acesso em: 11 abr. 2019.

SOARES, Livia Maria Rosa; CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de. A representação da menina e da mulher no conto de fadas moderno: novos destinos em “Além do bastidor” e “A moça tecelã” de Marina Colasanti. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 40, n. 68, p. 75-83, jan./jun. 2015.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.